

«As más ac-
ções podem ex-
piar-se, não po-
dem remediar-
se».

A. GRAF

ANO IX — N.º 239
NOVEMBRO
5
1 9 6 1

(Avença)

A Voz do

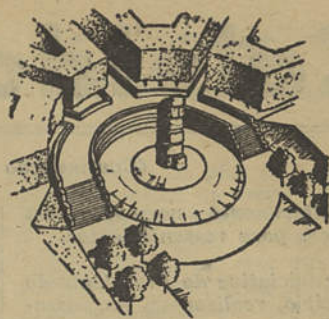
QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ



A propósito

ELEIÇÕES. são a maneira por que a massa dos governados procura — ou é chamada a procurar — escolher quem há-de dirigir qualquer corpo colectivo, desde a associação recreativa do bairro até à plenitude da Nação. São, portanto, uma instituição indispensável na vida social. Claro está que, se nos situarmos no quadro real da vida, o funcionamento dessa instituição está longe de satisfazer os pressupostos teóricos em que assenta, quando dela se quer fazer «pau para toda a obra».

Procura-se saber quem a massa acha melhor para assumir o comando de certo órgão destinado a prever, suscitar e solucionar, os problemas de determinação do sector da vida colectiva.

Será portanto indispensável que o votante conheça as necessidades, as soluções possíveis dos problemas desse sector, o âmbito e a importância do órgão, a capacidade e a competência do elegível.

Consequentemente, o eleitor, para se exprimir com consciência,

deverá ter conhecimentos suficientes das coisas e das pessoas, donde se conclui que um eleitor consciente no âmbito de uma associação recreativa ou de uma junta de freguesia, cujos problemas estão ao alcance de todos e onde todos se conhecem, pode não o ser, por exemplo numa eleição para deputados, mormente se se trata de uma Câmara com poderes constituintes.

Como pode a massa decidir-se, com consciência, se se lhe puzem três candidatos que advoguem como estruturação político-económica da Nação, respectivamente, o sistema demo-liberal puro, o sistema cooperativo e o sistema corporativo, por exemplo?

Pode resolver por um impulso de simpatia suscitada pelas aparências ou pelas palavras mais bonitas da propaganda, mas com conhecimento de causa com saber, será muito difícil àquem de certos limites culturais.

(Continuação na 2.ª página)

HOMENAGEM DO ALGARVE

à memória do escritor Coelho de Carvalho

E DO REI D. JOÃO II

As Câmaras Municipais de Tavira e de Portimão, apolando sugestões que lhes foram apresentadas pela Casa do Algarve em Lisboa, prestaram homenagem, respectivamente, em 22 de Outubro findo, pelas 12 horas, à memória de Coelho de Carvalho, com o descerramento de uma lápida na casa da primeira das referidas cidades onde o insigne escritor nasceu e em 25, pelas 16 horas, também com o descerramento de uma lápida, na casa da histórica povoação de Alvor onde a tradição diz ter falecido o Rei D. João II, em 25 de Outubro de 1495.

Em nome da Casa do Algarve, usaram da palavra, na primeira das ditas cerimónias, o Presi-

dente Honorário da Direcção e o vice-presidente da mesma, em: exercício, srs. Major Matheus Moreno e Dr. Maurício Monteiro, e na segunda, o presidente da Comissão Cultural, Sr. Dr. Alberto Iria, e o Vogal da mesma Comissão, Sr. Pedro de Freitas.

A propósito recordamos que foi Pedro de Freitas, nosso contemporâneo e velho amigo quem, em 1957, sugeriu a prestimosa Casa do Algarve em Lisboa, a homenagem à memória do grande Rei, cujo carácter se reflete bem pelo nome por que os poderosos Reis Católicos de Espanha o designavam — «O Homem».

Transcrevemos o parecer que

(Continuação na 2.ª página)

Caleidoscópio

Deste recanto, onde, em regra, preferimos louvar o que se nos afigura digno de encómio a censurar o que nos pareça menos certo, endereçamos, mui gostosamente, um aceno de simpatia e de admiração ao senhor Dr. José Ascenso, Digno Reitor do Liceu e Presidente da Comissão Distrital da União Nacional.

Homem íntegro, cuja vida particular é um exemplo a apontar a qualquer, transportou para a vida profissional e política, as virtudes da seriedade e da coerência, de que a miúdo faz uso na salvaguarda de interesses e princípios que, em boa hora, lhe foram confiados.

O nosso concelho vem-lhe merecendo particular cuidado, nos pequenas e grandes coisas, pelo que entendemos oportuna e justa esta modesta referência.

E bem de ver que se enunciou uma regra que, como tal, tem excepções. No entanto, quando saímos de tal campo não nos sentimos de vontade:

COMANDANTE

Pedro Correia de Barros

A fim de assumir o comando de fragata Diogo Gomes, em missão de soberania nas costas de Angola, partiu há dias de avião para aquela Província Ultramarina, o nosso amigo e ilustre contemporâneo, comandante Pedro Correia de Barros, antigo Governador Geral de Moçambique e que em meados de Outubro tivemos o prazer de abraçar nesta vila.

Na reunião camarária do pretérito dia 6 de Outubro, a primeira da actual presidência, foi aprovado, por unanimidade, o seguinte:

«Se expressasse o ex-Presidente, senhor Francisco Guerreiro Barros, a consideração que os componentes da Câmara lhe mereceram durante o seu exercício, o que, aliás, se presume ter sido devidamente correspondido pois as relações havidas sempre primaram pela maior compreensão e boa vontade no cumprimento dos deveres de cada um».

Quando uma despedida se processa com tal respeito e elevação pode dizer-se, afortunadamente, que os homens são dignos dos princípios de que são portadores e, às vezes, também incumbidos de os zelar.

Em tais conjunturas, o render da guarda nos lugares de chefia

(Continuação na 2.ª página)



O Sr. Governador Civil de Faro ladeado pelos 2 homenageados e restantes Presidentes das Juntas de Freguesias de Loulé, membros do Conselho Municipal e dirigentes locais da U. N.

JUSTA HOMENAGEM

Foram no passado dia 22 homenageados com um almoço oferecido pelo Sr. Presidente da Câmara, os nossos estimados amigos Srs. José Cavaco Vieira e António Gomes Cravinho, pelos serviços prestados a Alte nos cargos, respectivamente, de presidente da Junta e de regedor daquela freguesia.

Ao almoço dignou-se presidir o Sr. Governador Civil que se fazia acompanhar do Sr. Dr. José Ascenso, dinâmico presidente da Comissão Distrital da U. N. e nela tomaram parte todos os vereadores, os membros do Conselho Municipal, os presidentes da Junta e regedores de todas as freguesias do concelho e a comissão concelhia da U. N.

Aos brindes usaram da palavra os srs. Presidentes da Câmara e da Comissão Distrital da U. N., o nosso director em nome do Conselho Municipal, Dr. Manuel Gonçalves em nome da Vereação e o chefe do Distrito, que fez entrega aos homenageados de

placas de prata comemorativas do facto.

Agradeceu o Sr. José Cavaco Vieira que terminou as suas breves palavras com uma invocação patriótica.

A «Voz de Loulé» associa-se sinceramente à homenagem, prestada aqueles dois dedicados amigos, pois bem a mereciam pela

(Continuação na 4.ª página)



O sr. José Cavaco Vieira no momento em que pronunciava o seu discurso

Duarte Pacheco

«E não estejais tristes hoje, porque, se Portugal se encontra aqui em comunhão de espírito conosco a celebrar, embora entre as névoas da saudade, esse português é um dos vossos, é o maior e mais ilustre filho da vossa terra».

(Dr. Oliveira Salazar — Discurso na inauguração do monumento a Duarte Pacheco, em 16/XI/953).



Passa no próximo dia 16 do corrente, o 18.º aniversário da morte do Eng. Duarte Pacheco, o louletano ilustre cuja passagem pelo Governo marcou uma época na vida da Nação.

E por isso justo que o jornal da sua terra evoque essa data triste e o faça lembrar aos seus contemporâneos para que nesse dia se lembrem de Duarte Pacheco e lhe dirijam uma prece de saudade.

Glorifiquemo-lo e procuremos, embora em paralelismo modesto e longínquo, trabalhar

sempre pelo engrandecimento e progresso da nossa terra.

Batalhas de Flores

São as nossas batalhas de flores uma manifestação de aprimorado bom gosto e contribuem maravilhosamente para a elevação dos festejos do Carnaval, fazendo relegar para o esquecimento as brincadeiras estúpidas e impróprias, incompatíveis com as exigências da civilização. Os benefícios são palpáveis e o público abraçou com a maior satisfação e entusiasmo estas festas.

Evitando exageros, sempre condenáveis em qualquer campo que se situem, as batalhas de flores tal como aqui têm sido feitas, primam pela elegância, bom gosto e elevação, proporcionando a quem assiste momentos de satisfação, encanto, alegria e boa disposição, motivo porque é quase impossível pensar em que se não hão de realizar. As vantagens para todas as

actividades que lhes andam ligadas são inúmeras e sensíveis, como se sabe. A indústria dos transportes, as pensões, os cafés, o comércio de mercadorias e de outros géneros alimentícios, e mesmo os outros comércios directos ou indirectamente beneficiam neste surto de visitantes que nesta altura procura a nossa terra, para se divertir e folgar.

Se, por acaso, as festas do Carnaval se não realizassem um ano, se veria a diferença que essa falta traria às actividades interessadas. Quantos milhares de pessoas deixariam de procurar Loulé nesses dias e quanto movimento se deixaria de operar e com quanta quebra de rendimento!

Cremos que todos os louletanos

(Continuação na 3.ª página)

DITOS E FACTOS

O problema económico de Loulé assenta fundamentalmente na produção frutífera de toda a sua vasta área de mais de 75.000 hectares de terras distribuídas por cerca de 45.000 habitantes, entre os contornos de cinco concelhos — Tavira, Almodovar, Silves, Albufeira e Faro.

Produz em abundância figos, amendoas, alfarrobas, azeite e cortiça e ainda em segundo plano, cereais e produtos hortícolas abastecedores dos mercados, locais, para a população que não possui terras. Os frutos e a cortiça destinam-se não só às necessidades do consumo interno como principalmente à exportação, da qual a Nação colhe larga soma de divisas.

Não consideramos, por enquanto, as condições económicas em que se desenvolve a exploração de tais recursos, nem os múltiplos factores de ordem comercial que vêm incidindo na sua desvalorização, uns e outros sob o signo de depauperamento, a

partir da penúria de métodos e meios de rotina que, quando orientados no sentido das novas concepções do cooperativismo ou de outras formas colectivas de exploração e assistidos de bons técnicos, poderiam proporcionar à nossa lavoura louletana níveis mais altos de rentabilidade e de condições de vida mais desafogadas.

De resto, parece não fugirmos à regra geral da Lavoura Nacional, de baixas produtividades, médias, tanto por superfície como por mão de obra ocupada, comparadas, por exemplo, com as regiões da bacia mediterrânica.

O que estamos colhendo da terra é pouco para suportar os encargos da sua exploração; insuficiente para satisfação total das necessidades nutritivas nacionais, e muito menos para engressar o caudal das explorações que seria de desejar.

Voltemo-nos, porém, para ou

(Continuação na 3.ª página)

O sr. Eduardo Delgado Pinto

é o novo Vice-Presidente da Câmara de Loulé

Pelo Chefe do Distrito, foi no passado dia 20 de Outubro investido no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal deste Concelho, o nosso prezado amigo e assinante sr. Eduardo Delgado Pinto que fazia parte da vereação.

A cerimónia teve lugar no salão do Governo Civil, tendo durante ela usado da palavra além do Sr. Governador Civil o Sr. José João Ascensão Pablos, activo Presidente do Município, o Sr. Dr. José Ascenso, ilustre presidente da Comissão Distrital da

U. N. e o empossado que, num brilhante discurso fez interessantes afirmações de carácter político e patriótico.

Ao novo vice-presidente, cujo passado político e administrativo são garantia de um bom desempenho das suas altas funções, desejamos as maiores felicidades.

1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica

Por feliz iniciativa do Circulo Cultural do Algarve, vai realizar-se em Faro, no próximo mês de Fevereiro, o 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica, ao qual auguramos um êxito extraordinário, dada a prodigalidade paisagística da nossa província que naturalmente aconselha e incita amadores e profissionais a fixar nas suas máquinas os mais belos extantaneos que se lhes deparam.

Se pela sua diversidade panorâmica, a costa algarvia oferece paisagens de sonho, não menos férteis em motivos de beleza serão as nossas serras, as nossas aldeias, vilas e cidades, os verdadeiros campos, os traços regionais, as chaminés, os molinos de pesca, de artesanato, etc, etc.

Por tudo isto e ainda porque convém tornar o Algarve mais conhecido dos portugueses e dos estrangeiros que nos visitem e que, através de uma boa colecção de fotografias, melhor poderão aquilatar o valor turístico do Algarve, não podemos deixar de

O momento POLÍTICO

Realizou-se no passado dia 27, em Faro, uma sessão de propaganda política da União Nacional na qual falaram os candidatos a deputados Drs. Jorge Correia, Rocha Cardoso, Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior e Almirante Tenreiro.

Agradável e fervorosa, resultou além de útil, pela oportunidade de conhecer e ouvir os propósitos dos futuros deputados pelos Algarve, uma afirmação de confiança nos actuais princípios políticos que o Prof. Salazar define e põe em prática com eficiência e elevado patriotismo.

De entre as afirmações produzidas, justo é salientar a elevação das considerações do nosso ilustre contemporâneo, Coronel Rosal, que, entre o mais, foi brilhante, no puro campo dos prin-

(Continuação na 3.ª página)

(Continuação na 3.ª página)



APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS A DEPUTADOS DA U. N., PELO ALGARVE

No dia 26, último, pelas 21,30 realizou-se uma sessão na sede do Ginásio Clube Naval, em Faro, promovida pela Comissão Distrital da União Nacional, para apresentação dos candidatos a deputados pelo Circulo do Algarve. A mesma, que foi presidida pelo Senhor Almirante Henrique Tenreiro, assistiu numeroso público, vindo de todo o distrito.

Usou da palavra a abrir a sessão o Sr. Dr. Jorge Correia, conhecido médico e Presidente da Câmara Municipal de Tavira, que se pronunciou por interessantes reformas, da maior importância para a província, tais como a questão dos frutos secos, do preço da energia eléctrica, da arborização da serra algarvia e

outras. Depois falou o Sr. Dr. João Cardoso, advogado em Silves e entusiasta nacionalista, que tal como o primeiro orador, se candidatava pela 1.ª vez e que dissertou sobre assuntos do maior interesse.

O Sr. Coronel Sousa Rosal Júnior, que na Assembleia Nacional, em anteriores legislaturas, se tem pronunciado em prol da defesa do Algarve, analisou o momento político presente.

Encerrou a sessão o sr. Almirante Henrique Tenreiro, que saudou os seus colegas de candidatura, as mulheres algarvias cujos filhos se batem pela Pátria em Angola, e disse que apesar de ser o único candidato não algarvio, há muito que trazia o Algarve no coração.

No final, foi entoado pela as-

(Continuação na 2.ª página)

Caleidoscópio

(Continuação da 1.ª página)

é acontecimento normal e sem margem para ressentimentos.

Por iniciativa do Presidente do município, realizou-se, no passado Domingo, uma expressiva homenagem aos senhores José Cavaco Vieira e António Gomes Cravinho, dignos Presidentes da Junta de Freguesia de Alte e regedor da mesma.

Para quem, tão abnegadamente serve a sua terra, vai para 25 e 35 anos, respectivamente, bem mereceu o obsequio que resultou brilhante, à altura do sentido da cerimónia.

Presidiu o senhor Governador do Distrito, ladeado pelos Presidentes da Comissão Distrital e Concelhia, da União Nacional, da Câmara, vice-Presidente e homenageados. Presentes ainda os vereadores, componentes do Conselho Municipal, membros das Juntas e Regedores, de todas as freguesias do concelho.

Raramente teremos participado em cerimónia tão digna e merecida. E que, fazer sentir aos homens bons do concelho como é apreciado o seu esforço, dirigido ao progresso das suas terras, é procurar e honrar a verdade, política e administrativa, na própria fonte.

Vem reunindo, regularmente, nas nossas «Duas Sentinelas», o Rotary Club, de Faro, sob a presidência do nosso conterrâneo, senhor Francisco Guerreiro Burros.

Numa das últimas sessões, foi palestrante o senhor Dr. Manuel Soares Cabeçadas que dissertou sobre «A Dor em Cirurgia», de forma a prender os ouvidos pela elevação e interesse do valioso trabalho.

Comentou, com brilho, o senhor Dr. Passos Valente, Digno advogado, em Faro.

Pessoa amiga, regressada há pouco de Espanha, ficou impressionada com o que, em matéria de turismo, lhe foi dado apreciar.

Côncios do manancial de riqueza que tal indústria lhes proporciona, os nossos vizinhos, encaram frontalmente tão instantâneo problema com soluções à altura dos seus grandes interesses.

Seria bom, sugestão do nosso informador, que os responsáveis, entre nós, estudassem o muito que por lá se vê, cuja assimilação muito proveitosa nos seria. Realmente, agora que tanto se fala em turismo, parecia con-

veniente seguir-se, à palavra, também a acção pois, sem esta, nada feito.

Ao rematarmos estas já muitas e longas notas, queremos acentuar que o merecer A ou B, de maneira nenhuma nos anima a ilacção que, fazendo-o, iremos atingir, por tabela, C ou D a quem o facto, que apenas por hipótese se põe, poderá não agradar.

Não agimos com segundas intenções nem com propósito de agguerrimentos.

Assim, é como se dissessemos, à maneira respeitosa de algumas pessoas:

«Sem desfazer».

M. G.

Batalhas de Flores

(Continuação da 1.ª página)

são unânimes em pensar assim. Mas, assim sendo, como se hão de realizar os festejos? É lícito exigir aos particulares que se sacrificiem anualmente em holocausto não só ao Hospital, mas a todas as actividades interessadas? Será possível, sem esgotamento e cansaço, fazer anualmente um carro-bom e inédito para figurar no corso?

As perguntas que aqui deixamos, requerem uma resposta franca e sincera. Conduzem em linha recta a uma resposta concreta e precisa, para que não nos iludamos, não caiamos nas soluções improvisadas, e à hora postas em execução. O assunto, cremos, é do maior interesse e não se compadece com incitamentos desprovidos de base séria e de problemático apoio. Carece, em nosso entender, de uma ajuda sincera, fiel e estruturada, e não de promessas falazes e incitamentos interesseiros, mas não efectivos e sinceros.

Por isso alguns têm desistido, cansados e aborrecidos.

Convinha que se estudasse uma organização devidamente participada por todos os elementos que beneficiam do bom êxito dos festejos, sem espartezas torpes, mas com sinceridade e boa fé.

Será isso possível? Cremos plenamente que sim.

Apontamos o problema e também cremos que todos lhe procurarão solução. Desse entrecho de ideias e de alvites, sem dúvida que alguma coisa de útil pode resultar.

Por exemplo a união dos interessados no bom rome, desenvolvimento e progresso da terra, dos interesses legítimos e respeitáveis das actividades locais, do turismo em geral, e da beneficência a que tais festejos se destinam.

Num próximo escrito trataremos da assistência hospitalar e do reflexo que ela está tendo em todo o concelho, com uma amplitude e eficiência que de muitas pessoas é desconhecida e se torna necessário evidenciar.

UM LOULETANO

O momento político

(Continuação da 1.ª página)

cípios, ao estabelecer a comparação entre as democracias europeias com o regime português, colhendo aqui e ali, ilacções de merecimento que não diminuíram este último.

Sem desdouro para os seus combativos e inteligentes colegas, o deputado de Loulé, marcou brilhante presença e honrou a sua terra com uma douda e construtiva mensagem, de homem de acção, que é dominado por princípios de fé e de respeito, de molde a impô-lo ao Algarve e resto do País. Afinal, assim tem sido nas legislaturas anteriores, pelo que não causa admiração que os continue exortando com rara energia e bom senso.

Registrando o facto, não nos parece demais acentuá-lo.

G.

Maria dos Reis Coelho

PARTEIRA DIPLOMADA

Partos e Tratamentos a preços acessíveis

Rua Ascensão Guimarães

Telefone 196

LOULÉ

POSTAL de FARO

(Continuação da 1.ª página)

sistência o «Hino Nacional» e soaram vivas a Portugal, ao Sr. Almirante Américo Tomás e ao Sr. Professor Oliveira Salazar.

«GRANDE PREMIO DE FARO — 1961»

Pela primeira vez, a capital algarvia assistiu a uma prova de motonáutica, com a presença de alguns dos maiores nomes deste entusiasmo e emotivo desporto. Ao «Grande Premio de Faro — 1961», que se disputou no domingo, dia 22, na Docca, concorreram representantes do Sport Club de Aveiro, Clube Naval de Cascais, Associação Naval Infante de Sagres (Portimão) e Ginásio Clube Naval, de Faro, que organizou a prova.

Milhares de pessoas, assistiram ao desenrolar da competição, que foi patrocinada pela Câmara Municipal de Faro, Capitania do Porto, Junta Autónoma dos Portos de Sotaventado do Algarve e Clube Naval de Cascais. Sob todos os aspectos foi um autêntico êxito esta 1.ª prova de motonáutica entre nós efectuada, de tal modo que se pensa realizar no próximo ano, em 25 e 26 de Agosto, na Docca e Praia de Faro, um grandioso festival da especialidade e que trará a atenção de todo o País. Os vencedores das várias séries foram os seguintes:

Categoria Stock

Classe CS — 500 C. C. — José Casimiro (Portimão);
Classe SD — 600 C. C. — José Ramos (Portimão);
Classe SD — 700 C. C. — Mário Gonzaga Ribeiro (Cascais);
Prova extra SD — 700 C. C. — Dr. Ribeiro da Cunha (Aveiro).

Categoria Sport

Classe BU — 260 C. C. — Eng.º Marinho de Abreu (Cascais);
Classe CU — 500 C. C. — Jaime Carminho (Faro);
Classe CU — 600 C. C. — Sebastião Santos (Faro);
Classe DU — 700 C. C. — Mário Gonzaga Ribeiro (Cascais);
Classe EU — 800 C. C. — Carlos Mendes (Aveiro).

No final das provas, o Sr. Engenheiro Marinho de Abreu, do Clube Naval de Cascais e autoridade nacional em motonáutica, prestou esclarecimentos aos membros da imprensa.

A noite, realizou-se um jantar, presidido pelo Sr. Governador Civil de Faro, a que assistiram autoridades e concorrentes, e findo o qual se procedeu à distribuição das numerosas Taças.

NOTICIÁRIO

— Redundou num êxito a actuação do Grupo de Teatro do Círculo Cultural do Algarve, em 31, último, no Cinema Santo António em espectáculo a favor da Casa dos Rapazes.

— Actuará em Lisboa, nos dias 18 e 19 do corrente, o elenco atrás referido, que como se sabe, se guindou a plano do maior destaque no último Concurso de Arte Dramática.

— Ontem e hoje, 4 e 5 de Novembro, disputa-se na serra de Monchique a Prova de Aptidão do Graduado, promovida pela Delegação Distrital da M. P.

— O Cine Clube de Faro, efectua no dia 6, a sua sessão normal, com o filme «Fim de Semana no ascensor».

— Até ao presente momento, o Posto de Inseminação Artificial da Bovinos, em Faro, inseminou 200 vacas.

— Filipe de Brito, o conhecido acordeonista algarvio, partiu na 6.ª feira, para Paris, a fim de cumprir um vantajoso contrato na T. V. Francesa.

— Velejadores farense estiveram presentes no Campeonato de Portugal de Snipe.

— Continua a realizar as suas reuniões semanais o Rotary Clube de Faro, recentemente fundado.

João Leal

VENDE-SE

Tractor marca Davidd Bronn 35, em bom estado, com charruas, grade e atrelado.

Tratar com o proprietário; Manuel Filipe Viegas Vale d'Eguas—Almancil.

O 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica

(Continuação da 1.ª página)

felicitar a Comissão Organizadora deste Salão Fotográfico e desejar o mais absoluto êxito ao empreendimento que se propõe levar a efeito.

Para conhecimento dos interessados, a seguir transcrevemos algumas das passagens do Regulamento de maior interesse:

Art.º 1.º — O 1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica é aberto a todos os fotógrafos amadores e profissionais, que apresentem trabalhos exclusivamente respeitantes à Província do Algarve. São excluídos os membros do Júri.

Art.º 2.º — São admitidos 3 grupos de fotografias:

1.º — Provas a preto e branco;

2.º — Provas a cor;

3.º — Diapositivos a cor.

Com as seguintes secções:

A) Aspectos típicos das cidades, vilas, aldeias e monumentos.

B) Motivos de pesca e aspectos da costa marítima.

C) Paisagens.

D) Motivos de folclore (arquitectura, chaminés, tipos e traços regionais, mistérios, etc.).

Todo o expediente relativo a este Salão deve ser enviado a:

1.º Salão Algarvio de Arte Fotográfica — Círculo Cultural do Algarve — Rua Conselheiro Bivar — FARO — Algarve — Portugal.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Ecos do Parragil

Apesar de a chuva ter prejudicado bastante, decorreram com brilhantismo os festejos realizados no Parragil em honra de Nossa Senhora da Boa Hora, que foram largamente concorridos por muitas centenas de pessoas que aqui se deslocaram vindas de todos os sítios circunvizinhos.

Os juizes e juizas da festa, com os respectivos tabuleiros, reuniram-se no largo fronteiro à Sociedade Parragilense e dali seguiram em cortejo acompanhados pela Banda Artistas de Minerva até à capelinha donde saíam depois a procissão que percorreu o itinerário do costume.

No sermão foi orador o Rev. Padre António Fernandes.

Queimaram-se vistosos fogos de artifício e houve arraijal com muita música e alegria... especialmente para a juventude.

A festa prosseguiu na 2.ª feira com diversas atracções e... melhor tempo.

Os bailes realizados na Sociedade Recreativa Parragilense decorreram com extraordinária animação, tendo o de domingo sido abrilhantado pela Orquestra Black Rose e na 2.ª feira por João Barra Bexiga, um dos melhores acordeonistas do Algarve.

C.

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

Genoveva de Sousa Fome Matias

MISSA DO 3.º ANIVERSÁRIO

Virgílio Alves Matias e António Manuel de Sousa Alves Matias, participam a todas as pessoas amigas e de suas relações que no próximo dia 10 do corrente pelas 9,30 horas, na Igreja Matriz, será rezada missa sufragando a alma de sua saudosa esposa e mãe, agradecendo antecipadamente a quem se digna assistir a tão piedoso acto.

SE DESEJA

mandar Reparar, Limpar ou Lubrificar

a sua máquina de escrever

Deve confiá-la ao Técnico habilitado:

Joaquim Maziano

Bairro Municipal, 4
— LOULÉ —

A propósito

(Continuação da 1.ª página)

Dai o poder prometer-se o balcão a 5 tostões ou a árvore das patacas no quintal de cada um, com aceitação por parte de decisiva percentagem do eleitorado.

Claro que o mal não está em que o eleitor veja frustradas as suas esperanças, mas em que uma solução errada possa afundar o País.

Três operários bons profissionais, exemplares chefes de família mas alheios — até por limitação de conhecimentos — aos grandes problemas, podem anular o voto do Prof. Salazar ou do Eng.º Cunha Leal, que são, indiscutivelmente, homens do Estado, ainda que colocados em polos quase opostos de concepção político-económica.

Como a maioria está, portanto, em nível muito limitado de cultura, o sufrágio universal como base de governo, substitui o critério esclarecido de uma aristocracia intelectual, ou técnica pela paixão ou simpatia de uma massa mais ou menos ignorante.

Claro que todos se consideram muito capazes e a validade de cada um não concebe superioridades alheias mas... isso é a prova da fraqueza do sistema.

Por exemplo agora, terios visto tanta discussão quanto ao conhecimento dos cadernos eleitorais, porque sem conhecimento do eleitor não se lhe pode mandar a lista.

Mas então o eleitor não quer votar? É preciso convidá-lo pessoalmente? Só vota neste ou naquele, conforme a lista que receber ou conforme a pessoa que lhe levar?

Sabemos que foi sempre assim mas reconhecê-lo é reconhecer que o eleitor se está borrifando para o exercício dos direitos de povo soberano e vota em A com a mesma inconsciência com que vota em B, consoante a lista que recebe ou o caciçueiro que lhe pede o voto.

Só somos pelo sufrágio na medida em que ele pode traduzir uma opinião consciente, portanto limitado no espaço e pelo âmbito dos problemas e pela capacidade do eleitor.

Problemas há que assentando raízes no passado e constituindo alicerces do futuro, só um número restrito de pessoas em cada país tem verdadeira capacidade para os considerar, analisar e decidir.

PARADOXALMENTE, numa eleição por círculos, isto é por regiões, vimos sair da lista onde era pedra habitual, um algarvio que algo tem feito pelo Algarve e que conhece os seus pro-

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Cantina Escolar de LOULÉ

No prosseguimento da sua altruística missão, continua a Cantina Escolar de Loulé a desempenhar importante papel na alimentação das crianças pobres que frequentam as escolas primárias da vila, o que tem influido grandemente numa mais assídua frequência e melhor aproveitamento escolar.

Com a valiosa contribuição de particulares para quem a CARIDADE não é palavra vã, com os géneros alimentícios tornados pela Caritas a preços módicos e com o contributo da Câmara Municipal, foi possível aumentar, durante o ano lectivo 1960/61, o número de crianças beneficiadas. De resto, os números traduzem bem a acção desenvolvida durante esse espaço de tempo e mostram, para que todos se apercebam do trabalho realizado, que a Cantina Escolar tentou mitigar a fome de quantos pequeninos careceram de alimento para frequentar a escola com bom aproveitamento.

Assim distribuíram-se:

104 refeições diárias e 104 pequenos almoços, sendo 60 rapazes e 44 raparigas os beneficiados, o que perfaz um total de 22.967 refeições e 22.967 pequenos almoços. Houve uma receita de 20.099\$80 e uma despesa de 19.815\$50.

A dedicação e sacrifícios despendidos por aqueles que nesta obra trabalharam não constam nesta estatística. Para esses, fica a alegria de terem contribuído para minorar o sofrimento dos pequenitos, dando «de comer a quem tem fome».

Aquelles que ajudaram e tornaram possível mais um ano desta Cruzada, a Direcção da Cantina agradece o apoio e o amparo, sem os quais nada do que se fez seria possível realizar. A esses, aos benfeitores, damos a certeza de que as crianças agradecidas não os esqueceram nas orações rezadas antes de cada refeição, pedindo ao SENHOR que atribua aquilo que vós outros I.H.E. emprestais, porque «quem dá aos pobres...»

A presidente da Cantina, Maria Isabel da Quinta Matos Lima

blemas e é, sem dúvida, seguro porta-voz da nossa província junto do Governo, no gabinete de cujo Chefe tem quase familiar acesso.

Ficou, da antiga lista da U. N. um outro ilustre homem público que não tem o mérito (nas circunstâncias é mérito) de ser algarvio.

O que o primeiro tem feito, flui da sua actividade como político e como deputado e algarvio, conhecedor dos problemas locais. O segundo, age num âmbito mais restrito de funções mais específicas, nada dependentes daquelas qualidades e seria um insulto pensar que só pelo facto de ser deputado pelo Algarve se debruça sobre os problemas da parte algarvia de uma classe que se espalha por todo o litoral do País.

Discordamos do critério e lamentamos até porque, no fundo é em parte resultante dos clamores que por cá há.

Eleger é escolher e escolher é comparar e ninguém, por isso mesmo levará a mal esta anotação.

A CENSURA é das instituições mais curiosas. Curiosa em si e curiosa pelas posições que faz tomar.

Isto quer analisemos a Censura oficial, quer a «censura caselara» que a direcção de um jornal tem direito e obrigação de fazer.

Quando se está no «paleiro», qualquer comentário que se faz ac empoleirado ou à sua obra... é acção demolidora, crítica barata de café, etc.

Apeado hoje o empoleirado de ontem..., se não esfacelamos o sucessor é porque somos acomodativos ou despiticos a censura, que é uma encobridora, que não deixa ventilar os problemas com amplitude, etc.

São falas da mais misérrima pessoa, que variam conforme está, esteve ou está para estar no poleiro. É a versatilidade dos homens!

Quando o alvo não é a Censura, é de certeza o director.

Quantas vezes o director tem de empregar toda a sua diplomacia para convencer a ser mais comedido o autor de uma crítica mais agressiva ou menos elegante ou um elogio senão pouco merecido, pelo menos capaz de pôr em desagradável berlinda o elogiado.

Se não se fizesse censura doméstica, ficaríamos muitas vezes sem saber quando uma referência é imposta pelo mérito ou quando é uma pintura de encomenda ou um pretexto autorretrato. Sim, porque há até quem, mesmo sem pagar a tãnto por linha, traga, por si ou por interposta pessoa, o escrito com retrato e tudo!

RENDER DA GUARDA — Está muito em voga o seu emprego quando se alude à substituição do titular de um cargo.

Muitas vezes, realmente, assemelha-se à cerimónia militar correspondente, em que a guarda que assume funções recebe as saudações da que as cessa. Aparatosa e solene é a do Palácio de Buckingham, em Londres.

No sentido figurado a que nos referimos foi-o, pela sua elevação e sinceridade, a transmissão de poderes de Presidente da Junta de Energia Nuclear pelo Eng.º José Frederico Ulrich ao Prof. Leite Pinto.

Quantas vezes, porém, a expressão é euforismo para disfarçar a defesa de um ser venturiário a quem se deu ordem de despejo imerecido ou pelo menos com deslealdade, a falsa fé, e até se procura encobrir com um elogio, que tem tanto de intempestivo como de hipócrita.

E se a vítima da ingratidão ou deslealdade comenta, logo se lhe grita que não compreende o «render da guarda».

Parece-nos demasiado que se exija ao sujeito a quem se dá um pontapé no sítio próprio, que ainda peça desculpa por estar de costas.

J. R.

Anafá escarificada

Feno grego e Bersim, vende José Martins Pontes Júnior, em Paderne.

Trespassa-se

Estabelecimento de mercearias, cereais e bebidas, dispondo de armazém e 6 divisões para habitação.

Nesta redacção se informa.

Plissados

Ensina-se, com a máxima perfeição, método de executar plissados e também as respectivas formas.

Dirigir à Rua 9 de Abril, n.º 9 — LOULÉ.

Agente Distrital no Algarve

A Fábrica de Tintas «ALVAMAR» deseja entrar em contacto com pessoa idónea para seu Agente no Algarve. Indicar idade, estado, profissão e minuciosas referências. Resposta à Rua das Janelas Verdes, n.º 6 — LISBOA.

Homenagem do Algarve

à memória do escritor Coelho de Carvalho

(Continuação da 1.ª página)

Pedro de Freitas então apresentou e secundando-o no que ainda falta cumprir:

Considerando que ao Turismo do Algarve muito lhe falta para que as belezas com que a Natureza fadou esse recanto sul de Portugal sejam mais impressionantes e chamem a atenção do visitante;

Considerando que é de superior interesse para a província criar estímulos de modo a fazer afluir ao seu solo maior massa de turistas;

Considerando que, de todos os sectores criados e a criar nas várias gamas do interesse público, bem estudados e melhor adaptados podem resultar motivos de recreio espiritual que mais chamem a atenção de estranhos;

De entre tantos que sejam sugeridos e levados a efeito, apraz-me apresentar e submeter ao alto conceito da Ilustre Comissão Cultural da «Casa do Algarve»:

— É notório o facto histórico da morte de D. João II na pequena vila de Alvor.

Este pormenor na vida de um Monarca de Portugal, é, com tantos idênticos, passagem de destaque para a Nação. Porém, localizado ele ao Algarve, é único até hoje, como facto dos mais notáveis adentro da nossa província, sou de parecer que é de alta justiça os algarvios prestarem-lhe homenagem, tanto mais quanto ela poderá servir de poderosa influência turística ao

e do Rei D. João II

Algarve, tão carecido que as mãos de seus filhos dêem às riquezas naturais os MONUMENTOS estéticos de que possam jogar mão.

D. João II não foi um Rei vulgar.

O seu zelo e altos serviços prestados para as descobertas do Caminho Marítimo para a Índia, e, o facto de, abatida a sua valentia pela doença ter se acolhido ao Algarve para nele obter os almeçados alívios aos seus sofrimentos, essa régia vontade, sem dúvida, foi uma grã honra que os algarvios desse tempo deveriam muito prezar e sentir.

E vindo a sua projecção intacta até nós, cabe-nos, hoje, o honroso encargo de enaltecermos o histórico acontecimento, e amoldá-lo às contingências presentes, pelo que, a Bem do Nosso Algarve, proponho:

1.º — Que se dê volume, corpo e forma, a uma generosa e patriótica acção criando em Alvor a Casa da Morte do Rei D. João II — Museu;

2.º — Que as evocações da morte do Grande Rei sejam em figuras alegóricas e tanto quanto possíveis obedecendo aos usos régios do tempo;

3.º — Que nessa real evocação estejam bem atestados os seus sonhos, oriundos do Infante, no que respeita à prática da grande aventura do descobrimento do caminho marítimo para a Índia;

4.º — Que, em conlívio da Casa Museu de Alvor, seja igualmente evocada, alegórica-

mente, em Silves, a chegada do régio morto com todo o cerimonial a que decerto a cidade respondeu;

5.º — Que se tornem realidades estas sugestões dentro do possível, pois com estes motivos que decerto farão aumentar a propaganda turística do Algarve, Alvor tornar-se-á ponto turístico obrigatório da Praia da Rocha e bem assim do roso Algarve.

Lisboa, Sala das Sessões da Comissão Cultural da «Casa do Algarve», aos 12 de Fevereiro de 1957.

Pedro de Freitas

IMAGENS da VIDA do REI D. João II que poderão servir para se instituir, em ALVOR, a CASA-MUSEU do MORTE do REI, com os seguintes QUADROS:

1.º

Aos 26 anos de idade D. João II sobe ao Trono. Durante catorze anos — 1481 a 1495 — endurece o coração e envelhece prematuramente.

2.º

Herda perigosa imoralidade: a fidalguia mais rica do que o Estado. Com as suas patrióticas reformas faz reverter à posse da Nação os seus bens. A luta com a fidalguia entra no caminho das suas precauções.

3.º

De posse dos segredos que os conspiradores tramavam contra a sua vida, a 29 de Maio de 1495, faz subir ao cadafalso, em Évora, seu cunhado e primo o Duque de Bragança.

4.º

Endurece-lhe a alma e é denominado o «Homem de Ferro e Iniclemente». A conspiração toma novos rumos. Em Setúbal chama seu cunhado D. Diogo, Duque de Viseu, diz-lhe que sabia de tudo e pelas suas próprias mãos faz justiça: — apunha-la-o; a D. Garcia Meneses, Bispo de Évora, mete-o na cisterna do Castelo de Palmela, onde morre nos maiores dos horrores. Diante do cadáver do cunhado apunhalado nomeia D. Manuel, irmão do assassinado, Duque de Beja.

5.º

Diplomata, homem de Estado, aceita os judeus que a Espanha expulsara e dá viabilidade ao empreendimento que vem desde o Infante D. Henrique — o Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia.

(Conclui no próximo número)

— 00 — 00 — 00 — 00 — 00 — 00 —

Unidos, Sim

Devido a ausência de conveniente revisão, saiu bastante grialhado o artigo que, com o título acima, publicámos no nosso último número.

Dada a dificuldade de interpretação de algumas passagens, sentimos necessidade de corrigir as gralhas em referência. Assim, na 18.ª linha do 2.º período, deverá ler-se *interpõem* em vez de *entrepõem* e na 24.ª deverá ler-se *cortinas* em vez de *cortestas*. Na 13.ª linha do 4.º período deverá ler-se *confer* em vez de *conforme*. O 8.º período saiu muito deturpado com a troca de *avultado* em vez de *avuita* (na 6.ª linha) e faltou uma linha que alterou o sentido ao seguinte período: «... cujo *sumatório* não se compadece com o preço actual da laranja, a menos que os proprietários queiram cair na mesma situação... etc.». Que o nosso dedicado colaborador Gil Brazino nos desculpe as mutilações que o seu artigo sofreu.

Tribunal Judicial

da Comarca de Loulé

A N Ú N C I O

1.ª publicação

Pela segunda secção de processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé, correm éditos de trinta dias, citando JOAQUIM FERNANDES CUSTÓDIO e mulher MARIA CUSTÓDIO, ele comerciante e ela doméstica, actualmente ausentes em parte incerta, cujo último domicílio conhecido foi no sítio dos Revezes, freguesia de Ameixial, desta comarca de Loulé, para no prazo de DEZ dias contados a partir da segunda e última publicação do presente anúncio, decorrido que seja e dos éditos, contestarem querendo, a Acção Sumária que lhes move TEOFILO FONTAINHAS NETO, casado, comerciante, residente em São Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, sob pena de não o fazerem, serem definitivamente condenados no pedido que é de doze mil seiscentos e sessenta e oito escudos e quarenta centavos, acrescidos dos juros vencidos desde 17 de Outubro de 1959 e dos que se vencerem até efectivo embolso, aqueles no montante de 1.141\$00, com as consequências legais, designadamente, com custas selos e procuradoria.

Loulé, 20 de Outubro de 1961.

O Chefe da 2.ª Secção,
Francisco Dias Bragança
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,
José António Carapeto dos Santos

Retiro dos Arcos

arrenda-se ou trespassa-se

Por o proprietário não poder continuar à frente do negócio, arrenda-se ou trespassa-se o restaurante «Retiro dos Arcos», com toda a existência.

Tratar com Joaquim de Sousa Rosal — Telef. 211 — LOULÉ.

CAFÉ UNIÃO

MESSINES

Com movimento e bem situado, trespassa-se por motivo do dono não poder estar à testa.

A N Ú N C I O

David da Costa Jorge, casado, comerciante, acidentalmente no sítio do Aroal freguesia de Boliqueime, comarca de Loulé, para no prazo de DEZ dias contados a partir da segunda e última publicação do presente anúncio, decorrido que seja e dos éditos, contestarem querendo, a Acção Sumária que lhes move TEOFILO FONTAINHAS NETO, casado, comerciante, residente em São Bartolomeu de Messines, comarca de Silves, sob pena de não o fazerem, serem definitivamente condenados no pedido que é de doze mil seiscentos e sessenta e oito escudos e quarenta centavos, acrescidos dos juros vencidos desde 17 de Outubro de 1959 e dos que se vencerem até efectivo embolso, aqueles no montante de 1.141\$00, com as consequências legais, designadamente, com custas selos e procuradoria.

Loulé, 20 de Outubro de 1961.

O Chefe da 2.ª Secção,
Francisco Dias Bragança
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,
José António Carapeto dos Santos

JÁ SABIA?

Reabriu, sob a direcção de nova gerência e após grande remodelação o

BOMPETISCO

(o Restaurante das «Tapas»)

onde se servem os mais apetitosos almoços, jantares, ceias e PETISCOS

Rua José Fernandes Guerreiro — Telef. 348 LOULÉ

Tribunal Judicial

da Comarca de Loulé

A N Ú N C I O

1.ª publicação

Pela segunda secção de Processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé, e nos autos de ACÇÃO SUMÁRIA EM EXECUÇÃO DE SENTENÇA que MANUEL VICENTE MADEIRA, casado, comerciante, residente no povo e freguesia de Salir, desta comarca move contra os executados MANUEL INACIO CORDEIRO e mulher MARIA SERAFINA GONÇALVES proprietários, residentes no sítio da Fonte Morena, freguesia de Salir, correm éditos de VINTE dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os CREDORES DESCONHECIDOS DOS EXECUTADOS, para no prazo de DEZ dias, posterior aos dos éditos, deduzirem os seus direitos nos aludidos autos.

Loulé, 18 de Outubro de 1961

O Chefe da 2.ª Secção,
Francisco Dias Bragança
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,
José António Carapeto dos Santos

— x — x — x — x — x — x —

CORREIA & PEDRO, LIMITADA

Secretaria Notarial de Loulé

Primeiro Cartório a cargo do notário Licenciado José Alves Maria.

Certifico que, por escritura de 10 de Outubro de 1961, lavrada de folhas 31 a folhas 33, do livro de notas para escrituras diversas, número seis - A, do cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade por quotas sob a firma Correia & Pedro, Limitada, com sede e estabelecimento em Loulé, e sucursal em São Brás de Alportel, tendo ficado a pertencer ao ex-sócio Eduardo Correia todo o activo e passivo da aludida sociedade, ficando o mesmo ex-sócio com o encargo da guarda dos livros e documentos e obrigado a fazer as devidas publicações e registro.

É certidão de narrativa parcial que fiz extrair e que vai conforme ao original, não havendo, na parte omitida, nada em contrário, ou além do que se certifica.

Loulé, desanove de Outubro de mil novecentos sessenta e um.

O notário,
José Alves Maria

DITOS E FACTOS

(Continuação da 1.ª página)

tros aspectos da economia de Loulé.

A indústria, propriamente dita, considerada sob o ponto de vista de capitais imobilizados e circulantes e em volume substanciais de mão de obra, não se ficou praticamente dentro dos limites conceituais.

Existem, apenas, índices de artesanatos ou mestres caseiros, vindos de velhas tradições locais, a diminuírem de ano para ano e algumas apresentando já sintomas de agonia sob a pressão de novas técnicas, a que os nossos pequenos industriais se consideram refratários, quer por deficiência de capitais, quer por amolecimento de ânimo na luta da vida moderna.

Veja-se, por exemplo, a nossa indústria de calçado manual, tão típica da nossa terra, outrora florescente e afamada em quase todas as feiras do País, servindo ao mesmo tempo de propaganda da Vila onde trabalhava — os sapateiros de Loulé! Está hoje reduzida a um minúsculo número de operários que se debatem na crise de falta de trabalho, com salários insuficientes para o seu sustento. Nem estes operários nem a classe patronal se decidiram a reagir, acompanhando os novos processos de fabrico, como fizeram os de S. João da Madeira e outros.

Em Itália a indústria de calçado é uma das mais florescentes, tendo atingido o número de 24,7 milhões de pares exportados, contra 10,7 milhões em 1958!

Como atrás se refere o nosso Concelho é produtor de cortiça em razoável quantidade e excelente qualidade.

Apesar disso, a matéria prima é toda transportada em bruto para fora do concelho e para localidades onde se instalaram fábricas de transformação, não providas de melhores condições. Diz-se que a dificuldade resulta da falta de transportes e das distâncias aos cais do caminho de ferro e dos portos de embarque, onerando em demasia o custo da mercadoria. Outros afirmam que a indústria de transformação da cortiça exige, mão de obra especializada, não sendo Loulé muito propício — não sabemos porquê — à fixação dos operários. Uma fugaz tentativa, segundo nos consta, e nada mais se realizou.

A despeito disto os planos de urbanização em estudo consideram a localização de largas zonas industriais, na previsão optimista de que o largo surto da indústria nacional possa chegar até nós, algum dia.

Enfraquecidas, portanto, estas duas fontes de riqueza — a agricultura e a indústria, o comércio local tem de subordinar-se a elas e viver no ciclo restrito das suas conjunturas e contingências e possibilidades.

Falta-lhe o apoio que resulta do manancial de outras fontes produtivas.

Referimo-nos ao comércio fixo, retalhista e distribuidor dos bens do consumo. Este comércio é, de um modo geral, pobre, embora activo e honesto, fazendo, regra geral, do balcão o modo de vida, com muito trabalho e poupança. Contudo, nota-se, num caso ou noutro, louvável iniciativa de melhorar os seus estabelecimentos, pondo uma nota de estética e progresso nas principais ruas e avenidas amplas, das melhores que se verificam em terras de província.

Não escapam à observação do «factos» económico de Loulé, o reflexo da afluência de capitais, canalizada pela emigração por inúmeros louletanos, sobretudo do trabalho agrícola, que lá fora

mourejam o pão de cada dia, olhos postos na terra-mãe, para onde canalizam os sobejos das suas economias. Honra lhes seja! Estamos em crer que se não fossem os sortilégios deste moroso urbanismo em que se vive, tais recursos poderiam ter contribuído grandemente para o desenvolvimento local.

Mas o capital, especialmente, o capital acumulado à custa de prodígios de suor e esforços é tímido e dinâmico; não pode imobilizar-se na inação emprouditiva, nem permanece num melo falho de solicitações e de atracção. Por isso, ele foge com a mesma facilidade com que entrou, em busca de climas para o seu crescimento. Em todo o caso, regista-se o facto, em contrapartida salutar, com contributo do meio económico e compensação em certa medida, de brecha aberta na parte trabalhadora com o seu escudo, que já vai alarmando a lavoura louletana.

O tráfego de transportes de passageiros empresta ao burgo certa nota viva de bulício e movimento. Quem observe o constante fluxo e refluxo de pessoas, junta à estação de serviço da E.V.A. tem a impressão de que se vive aqui no bulício de romaria permanente. Não seria demais que a Empresa monopolizadora desse tráfego, classes com mais carinho para a necessidade de dotar a Vila com uma Estação condigna, no principal ponto de convergência das suas rotas rodoviárias. A par disso e com um pequeno esforço também poderia resolver o problema por mais de uma vez posto em foco, das ligações aos comboios e automotoras que param na estação do Caminho de Ferro. Não parece grande sacrifício para uma Empresa de tamanha projecção, constituída, para mais, na sua maioria, por accionistas louletanos, aos quais importa zelar pelas prosperidades da terra em que nasceram.

E quando se constrói um hotel em Loulé?

Esses simples apontamentos não são mais do que votos à margem que desejariamos tivessem eco junto de tantos que guardam as coisas tradições de bairrismo, para além das quais tudo se perde e se dilui com discussões esteréis. E não pode dizer-se, na verdade, que não seja ingente a obra a realizar, sob o ponto de vista económico, para que a nossa terra seja realmente progressiva.

F. B.

Pensão Joaquinita

Por os proprietários não poderem estar à frente do negócio, trespassa-se ou arrenda-se, a conhecida e muito afreguesada Pensão Joaquinita, (em frente do Tribunal).

Tratar com os proprietários.

GINGINHA ou EDUARDINO

das Portas de Santo Antão

As melhores bebidas do País

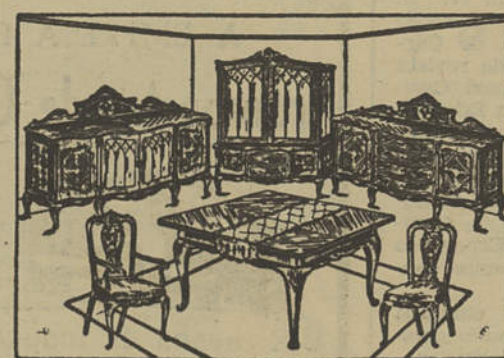
Por atacado e a retalho vende:

M. Brito da Mana

Telefone 18

— LOULÉ —

Se deseja mobilar o seu Lar com requintes de bom gosto e elegância



DEVE ESCOLHER OS MÓVEIS QUE O TRANSFORMARÃO NUM APRAZÍVEL LUGAR DE BEM-ESTAR E CONFORTO

NA CASA

Horácio Pinto Gago

encontrará as melhores mobílias, os mais modernos móveis e adornos para Lar, em grande diversidade de preços e para todos os gostos.

MOBILIAS — ESTOFOS — TAPEÇARIAS

Visite a Casa HORÁCIO PINTO GAGO

Avenida José da Costa Mealha

LOULÉ

PREÇOS FORA DE TODA A CONCORRENCIA

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgonetes da Casa

ESMERADOS ACABAMENTOS RAPIDEZ E BOM GOSTO

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Novembro:

Em 1, as sr.^{as} D. Jesuina Rocha Mendonça e D. Ermelinda dos Santos Palma, a menina Maria Graciete Nascimento Martins e o sr. Eng.^o José Maria Teixeira Farrajota Cavaco.

Em 2, a menina Virginia Maria Carrusca da Silva Loures e a sr.^a D. Maria dos Santos Martins Trindade.

Em 3, os srs. Tancredo Pereira Carapeto Redol e António da Silva Xabregas Santos, as meninas Maria Helena Pereira Carapeto Redol, Epitácia Maria Adro Simão, Maria Manuela Guerreiro de Sousa, Zília M. da Conceição P. Coelho, residente em Faro, e o menino José Manuel Guerreiro de Sousa, residente em S. Marcos da Serra e a sr.^a D. Maria Celeste do Adro Araújo.

Em 4, a sr.^a Dr.^a D. Modesta Floripes Fernandes Gonçalves.

Em 5, a menina Maria Zulmira Silvestre de Magalhães Araújo.

Em 6, a sr.^a D. Maria Ivette Carrilho Rebelo, e o menino Mário Mendonça Horta.

Em 7, o menino Luís Manuel Carapinha Santos Brito.

Em 8, osr. Tomás Rodrigues Domingues e o menino António Manuel Lourenço Angelina.

Em 9, as sr.^{as} D. Maria Eduarda Sá Pereira Pinto, residente em Lisboa, D. Isabel da Piedade da Silva Clemente e a menina Maria Eugénia Sousa do Nascimento.

Em 10, as sr.^{as} D. Maria José de Brito Cavaco e D. Almerinda dos Santos Mimoso Rocheta e a menina Alberta Maria da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa.

Em 11, a menina Maria da Graça C. Rocheta.

Em 12, o sr. Joaquim Vicente, residente em França.

Em 13, a sr.^a D. Maria Evangelista Maltezinho, as meninas Ana Maria de Sousa Vairinhos, residente em Lisboa, e Dina Maria de Sousa Cachaco, e o menino João Eduardo Sintra Delgado.

Em 14, a sr.^a D. Raquel Guerreiro Rua e o sr. José da Costa Guerreiro.

Em 15, a sr.^a D. Maria Catarina Pinto Medeiros Rocheta Casiano, residente em Mocimboque, o sr. José Calçada da Silva e a menina Rosália Maria Guerreiro Martins.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Acompanhado de suas filhas, seguiu há dias para a Ilha de S. Tomé a sr.^a D. Manuela Cristóvão Ricardo Inez Figueiro, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. José Manuel Inez Figueiro, regente agrícola naquela nossa provincia ultra marinha.

— Em gozo de licença, esteve entre nós, com seu filho e esposa, sr.^a D. Maria Amélia Duarte Filhó, o nosso prezado amigo sr. Armando José de Freitas Filhó, funcionário de ensino técnico, em Lisboa.

— A passar uns dias na companhia de sua família, esteve em Loulé a sr.^a D. Maria das Dores Mendonça Lúcio, esposa do conhecido poeta e nosso estimado amigo sr. Jaime Lúcio.

CASAMENTO

No passado dia 15 de Outubro realizou-se na igreja de Almada a cerimónia do casamento dos nossos conterrâneos sr.^a D. Maria Vitalina Custódio Favinha, prendada filha da sr.^a D. Vitalina Martins Custódio e do sr. João de Sousa Favinha (falecido) com o nosso prezado amigo sr. Amando Augusto da Piedade Mata, empregado de escritório, filho da sr.^a D. Maria José Cristóvão da Piedade Mata e do nosso querido amigo sr. Casimiro dos Santos Mata, funcionário de Finanças, nesta vila.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua tia sr.^a D. Eneida Pereira Marques Custódio e seu marido sr. José Martins Custódio, comerciante na Cova da Piedade e por parte do noivo seus primos sr.^a D. Maria José Mata Ranoso e seu marido sr. José António da Mata Ranoso, funcionário bancário em Almada.

Após a cerimónia religiosa, que decorreu com grande lustre, foi oferecido aos numerosos convidados um finíssimo «copo d'água».

Os nossos sinceros parabéns ao jovem casal, com votos de feliz vida conjugal.

JOSÉ GUERREIRO FARRAJOTA CAVACO

Quase restabelecido de uma delicada intervenção de cirurgia especializada a que se sujeitou em Lisboa, no Hospital da Cuf, regressou à sua casa nesta vila, o nosso amigo sr. José Guerreiro Farrajota Cavaco, conceituado gerente da Filial do Banco do Algarve, e nosso estimado assinante.

Encontra-se no período de convalescença o seu estado satisfatório.

Sinceramente lhe desejamos pronto restabelecimento.

JOAO VALLADARES D'ARAGÃO E MOURA

Na última reunião do Conselho Geral da Corporação da Lavoura, foi reeleito para a próxima legislatura procurador à Câmara Corporativa, na secção de frutas, o amigo e assinante, sr. João Valladares d'Aragão e Moura, considerado Secretário Geral da Federação dos Grêmios de Lavoura do Algarve e gerente do Grémio deste concelho.

FALECIMENTOS

Após martirizante sofrimento, faleceu em Lisboa, no passado dia 9 de Outubro, o sr. Francisco Jorge Cunha, de 43 anos de idade, que deixa viúva a nossa conterrânea sr.^a D. Maria da Assunção Lopes Cunha e 3 filhos menores e era cunhado dos nossos prezados assinantes, amigos srs. Manuel de Sousa Lopes, João Martins Rodrigues, Francisco de Sousa Lopes (conceituados comerciantes em Loulé), Porfírio de Sousa Lopes e José de Sousa Lopes e da sr.^a D. Lucinda de Sousa Lopes.

O saudoso extinto era hábil industrial de pastelaria em Luanda, onde há anos fixara residência, e viera para Lisboa a fim de se submeter a uma medíocre operação.

A família enlutada, e em especial a desolada viúva, endereçamos as nossas mais sentidas condolências.

— Faleceu no povo e freguesia de Almancil, no pretérito dia 26, a sr.^a D. Maria da Luz Rodrigues, viúva de José Rita, que contava a bonita idade de 94 anos e conservou sempre a maior lucidez.

Era mãe da sr.^a D. Maria da Luz Rodrigues Botelho casada com o sr. Manuel Botelho e do sr. José Rodrigues Norte, casado com a sr.^a D. Maria Guerreiro Norte, todos ausentes na Venezuela onde disfrutavam de boa posição social e económica.

Aos enlutados e, particularmente, ao nosso dedicado amigo e assinante, sr. José Rodrigues Norte, apresentamos o nosso sentido pesar.

Contando 82 anos de idade, faleceu no passado dia 31 de Outubro, em casa da sua residência nesta vila, a nossa conterrânea, sr. D. Maria das Dores Brito, viúva do sr. José de Brito Junior e mãe dos nossos prezados amigos srs. José Joaquim, António, Manuel e Aníbal Guerreiro de Brito e das sr.^{as} D. Maria de Brito Guerreiro e D. Maria das Dores Guerreiro de Brito e sogra das sr.^{as} D. Manuela Correia de Brito, D. Mariana Carapinha de Brito, Ana Maria Vicente Grosso de Brito e D. Assunção Morgado de Brito.

A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

Vidal Belmarço

Faleceu recentemente em Lisboa o sr. Vidal Alberto Navarro de Andrade Belmarço, conceituado director do Banco do Algarve e figura de relevo social na nossa Provincia, onde disfrutava de gerais simpatias pela afabilidade e cativante trato, que justamentemente lhe mereceram as muitas amizades que conquistou durante os largos anos que viveu em Faro, após ter vindo do Brasil, donde era natural.

O sr. Vidal Belmarço, deixa viúva a sr.^a D. Amélia Salter de Sousa Belmarço e era pai da sr.^a D. Maria Luisa Belmarço Rocheta, casada com o sr. Dr. Manuel Farrajota Rocha, ilustre Embaixador de Portugal em Londres, e do sr. Fernando Salter de Sousa Belmarço, casado com a sr.^a D. Irene Hilário Belmarço; avô da sr.^a D. Maria Manuela Belmarço Rocheta Berredo dos Santos, casada com o sr. José Berredo dos Santos; irmão das sr.^{as} D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Estela Belmarço da Costa Santos e do sr. Hugo Navarro de Andrade Belmarço e cunhado da sr.^a D. Mariana Salter de Sousa e dos srs. Guilherme Pereira de Carvalho, ilustre Director da revista «Lisbon Courier», Coronel Casimiro da Costa Santos e Eduardo Salter de Sousa, todos residentes na capital.

O funeral do sr. Vidal Belmarço realizou-se de Lisboa, em auto-fúnebre, para jazigo de família no Cemitério da Esperança em Faro e foi largamente concorrido.

A toda a família enlutada apresenta «A Voz de Loulé» a expressão das suas condolências.

VENDE-SE

Por motivo de retirada vende-se uma medidora para azeite, uma máquina de costura «Singer» e um aparelho de rádio.

Nesta redacção se informa.

1 Colóquio A DOIS

Há dias um amigo, pondo de banda o jornal e descavaltando os óculos, desfecha-me à queima roupa esta pergunta inofensiva: — O que significa esta palavra «bifrontismo»?

— «Bifrontismo, meu amigo, — respondo à letra — é o homem ou a coisa que tem duas caras, duas frentes no mesmo corpo.

Mas isso é horrível — exclama o meu ingenuo interlocutor, com certo ar de pavor. E já viu algum desses fenómenos na pessoa humana?

— Não seja ingenuo, meu caro. A palavra aplica-se em sentido figurado à pessoa que a cada passo se contradiz, ao hipocrita, ao falso amigo que ora nos rodeia de blandícias, ora nos apunhala pelas costas? O «bifrontista» é, numa palavra, o traidor.

— E o homem assim formado, sem palavra nem caracter, não cairá em pecado perante Deus e perante a sociedade?

Não sei se é pecado mortal se venial. A Igreja chama-lhe «sempliciter calados de branco» e Jesus, o manso Jesus, os escorregou do Templo, um dia, a golpes de chicote.

— E onde estão esses homens maus?

— Estão em toda a parte e são de todos os tempos. Você não lê os jornais de grande circulação?

Ora veja o H de Moscovo, pregando a paz, a liberdade a ordem, a felicidade universais. Ao mesmo tempo ele subjugou os povos, com a sua tirania, comina a ferro e fogo a Hungria mártir, converte em satelistas os que considera mais fracos e impotentes, enche de pavor a Humanidade com a deflagração dos seus engenhos mortíferos. Veja as blandícias hipocritas do pandita e de outros quejandos panditas — pretos ou brancos — por um lado, defendendo a autodeterminação e independência, por outro lado negando-as aos que as solicitam. O que é essa celebrada ONU senão uma Assembleia de «bifrontistas» manejados pelo mal de todos?

— Credo, que desgraçado mundo este em que vivemos. E temos também entre nós dessas aberrações?

Temo-las, sim, e de alto rotundo. A luta que travamos sem culpa nem causa nossa, pela defesa sagrada do que nos pertence, trouxe à superfície muitos desses homens abjectos, desde os 2 HH do «Santa Maria», até aos seus prosélitos, mais ou menos ocultos ou disfarçados de cordeiros. E não falemos mais do assunto porque o meu Amigo crença sincero e temente a Deus ainda se conserva «puro» perante este sudário de misérias humanas.

E até breve, para outro colóquio mais agradável.

José da Varzea

Casa do Algarve

Sob a presidência do sr. dr. Humberto Pacheco, reuniu a comissão de beneficência da Casa do Algarve, com a comparação de grande número de protectores — assistentes, tendo deliberado, entre outros assuntos, iniciar a recolha de ofertas e doativos para a próxima distribuição do «Auxílio do Natal» aos algarvios necessitados residentes em Lisboa, e para entrega à Cruz Vermelha Portuguesa, a favor das vítimas do terrorismo em Angola.

VENDE-SE

Um bom prédio, situado na Rua da Corredoura com rés-do-chão e 1.^o andar, (residência do sr. Padre Cabanita).

Tratar com Clarimundo de Sousa Guerreiro — LOULÉ.

A EMPRESA DE CAMIONAGEM Transportes de Carga Louletana, L.da



Tem o prazer de comunicar aos seus prezados Clientes e Amigos que, no desejo de MELHOR SERVIÇO, acaba de inaugurar uma nova Agência em Lisboa, na Avenida 24 de Julho, 88 - B e 88 - C — Telefone 669446, onde, com a habitual presteza e eficiência, continuará ao dispor de todos quantos desejam honrar-nos com as suas estimadas ordens.

Esclarece-se que se trata de uma nova Agência, pois a da Rua de S. Mamede, 22 - D (ao Caldas) continuará a servir os clientes das proximidades desta zona da cidade.

MAIS UMA SENSACIONAL

Campanha do Natal

(Este ano ainda maior)

Na compra de FOGAREIROS, FOGÕES e ESQUENTADORES, oferecem-se brindes no valor de

150\$00 a 1.000\$00

Envia-se pelo correio, para qualquer localidade do Algarve e Baixo Alentejo, propaganda e condições de venda a quem solicitar

Na compra de RÁDIOS - TELEVISORES — ASPIRADORES — ENCERADORAS — FRIGORÍFICOS, etc.

tudo da afamada marca PHILIPS não só se oferece brindes que vão desde o valor de

250\$00 a 1.500\$00

como ainda todos os clientes ficam habilitados à oferta de 50 valiosos prémios entre os quais

1 automóvel «Triumph Herald» do novo modelo, já com travões de discos — Viagens, Frigoríficos, etc. etc.

(As vendas do material Philips são só para os concelhos de Almodovar, Alcoutim, Loulé e Faro)

Faça sem demora a sua visita ao agente oficial

PHILIPS

José Guerreiro Martins Ramos

Avenida Marçal Pacheco, 38

Rua Conselheiro Bivar, 52

Telefone 208

LOULÉ

FARO

Justa Homenagem



O Sr. Governador Civil enalteceu as qualidades de trabalho e bairrismo dos homenageados.

(Continuação da 1.^a página)

forma criteriosa, entusiástica e inteiramente desinteressada como tem servido a sua freguesia.

José Cavaco Vieira é, há 26 anos, o presidente da Junta de Alte, sempre atento aos interesses materiais e morais da sua aldeia, para quem conquistou o 2.^o lugar no concurso da aldeia mais portuguesa.

Muito lhe deve Alte no que respeita a progresso, a beleza e a prestígio.

António Gomes Cravinho, regedor desde Julho de 1926 — há 35 anos! — tem sido no cargo o homem bom que se faz respeitar, sem prepotências nem desmandos.

Cremos que a seu tempo Alte saberá agradecer a estes seus

dois dedicados filhos, embora isso não esteja muito no costume da nossa gente em relação a quem a serve...

Em sua reunião de 19 de Outubro, a Câmara Municipal de Loulé deliberou inscrever o seguinte voto de louvor aos Presidentes da Junta e Regedor da Freguesia de Alte:

Por proposta do Sr. Presidente e a Câmara deliberou, por unanimidade, obtida em escrutínio secreto, exarar nesta acta um voto de louvor testemunhando ao Sr. José Cavaco Vieira, Presidente da Junta de Freguesia de Alte, o muito apreço e reconhecimento do Município pela forma como se tem desempenhado das funções que lhe estão confiadas há mais de vinte e cinco anos, pondo no seu desempenho o maior zelo aliado à muita competência, acendrado bairrismo e amor à sua terra natal, tanto no campo administrativo, como no da divulgação do seu folclore regional através dos Ranchos Folclóricos de Alte, de que é prestimoso dirigente e que tantos e tão grandes êxitos têm obtido aquém e além fronteiras.

Igualmente foi aprovado, por proposta do mesmo Senhor, exarar um voto de louvor ao Sr. António Gomes Cravinho, pela muita dedicação e zelo com que tem desempenhado as funções de Regedor da Freguesia de Alte, que vem exercendo com muita competência há mais de trinta anos.

Mais foi deliberado, para assinalar estes factos, oferecer a cada uma destas entidades, uma placa de prata alusiva à homenagem que, desta forma, lhes é prestada.

HOMENAGEM AO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA D'ALTE — Pelo Vereador Amadeu Pedro da Cruz,

Feira Franca

Realizou-se nesta vila, nos passados dias 27 e 28 de Outubro, a tradicional Feira Franca que este ano teve a assinalar uma fraguissima presença de feirantes e uma ausência de público que consideravelmente diminuiu o valor de uma feira que chegou a ser a mais importante de Loulé.

De resto, têm declinado de tal forma as transacções das nossas feiras, que já hoje não se sabe qual é a mais importante.

Cada vez passam mais desapercibidas as feiras em Loulé.

Professora

Precisa-se para leccionar Sennhora em casa até à 4.^a classe. Pregoe e hora a combinar. Dirigir à Travessa Manuel Soeiro (última porta) — LOULÉ.

Arrendam-se

Em S. João da Venda, diversas propriedades de horta e sequeiro e casas para habitação.

Tratar com Olimpio da Costa Gomes, médico em Ervidel — Alentejo.

Visado pela Com. de Censura

foi apresentada a seguinte proposta:

«Aproveitando a oportunidade da justa homenagem que vai ser prestada ao Sr. José Cavaco Vieira, como mais antigo Presidente da Junta de Freguesia, de todo o Concelho, proponho à Câmara que seja dado o seu nome ao Largo que fica junto à sua casa acabada de construir e para onde vai residir. Creio assim interpretar o pensamento de todos os filhos de Alte, tão devedores como eu, pela vasta obra já de toda conhecida, levada a cabo, desde o alindar das velhas ruínas da sua Aldeia, ao mais afastado lugarejo da Freguesia, onde a sua mão obra tem feito construir fontes e caminhos».

Esta proposta foi aprovada por unanimidade, para o que deverá adquirir-se uma placa em mármore com a inscrição da designação do Largo.